

ISSN 2764-4014

Revista Geração de 20

DA ARTE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

v. 1 n. 1 julho/dezembro 2021

Celso Lavoisier

"A arte é o primeiro alvo da tirania."
Afirma o autor convidado.

Editorial Inaugural

Com imensa alegria, celebramos o
nascimento da Revista Geração de 20!



ESTREIA DE JOÃO TUXÁ

"Acredita-se que a espada de São Jorge
corta todo o mal" João Pedro Cá Arfer Tuxá

© JDPEDROC

Revista Geração de 20

DA ARTE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

v. 1 n. 1 julho/dezembro 2021

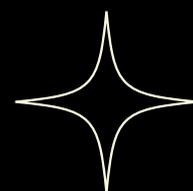
ISSN 2764-4014

Impresso

Águia Xerox Papelaria

(Módulo 3, UEFS) – (75) 9 8822-6498

Ajude-nos a manter a Revista Geração de 20 no ar



Ao apoiar a Revista Geração de 20, você ajuda a custear as plataformas que mantém o projeto no ar e ainda contribui para a continuação da divulgação gratuita de poetas, escritoras e artistas visuais independentes.

Doe qualquer
valor

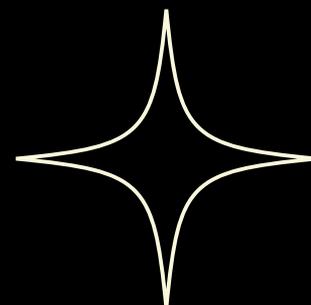
Chave Pix: geracaode20@gmail.com

Titular: Wanderson Silva Mercês

CPF: ***.008.335-**

Banco Pan

Conheça o nosso site: www.geracaode20.org



Objetivo da Revista

A Revista Geração de 20 é um periódico digital e físico que visa promover a literatura e as artes visuais produzidas por artistas independentes durante a década de 2020 no Brasil.

LINHA EDITORIAL

A Revista Geração de 20 nasceu da mente inquieta de um graduando do curso de Letras e poeta independente que se articula para que a sua arte e a de outras pessoas artistas sejam divulgadas. Nesse sentido, a revista se propõe a divulgar o trabalho de artistas independentes. Buscamos publicar quem está surgindo na cena artística, todavia, artistas que desenvolvem um trabalho há mais tempo também são bem-vindas. Não publicamos trabalhos que contenham qualquer tipo de preconceito e/ou que reforcem qualquer discurso de ódio.

FORMATOS

Aceitamos poemas escritos em versos livres ou em formas fixas; contos, crônicas, minicontos, cartas, etc.; e desenhos, pinturas, esculturas, gravuras, designs, fotografias, etc.

AVALIAÇÃO

Após prévia consideração da equipe editorial, que verifica se as regras do edital estão devidamente atendidas, as inscrições são enviadas às pessoas pareceristas, que podem aceitar ou recusar a obra para publicação. Em caso de exceção, a decisão final caberá às editoras.

PERIODICIDADE

A Revista Geração de 20 publica duas vezes ao ano, com periodicidade semestral. A chamada para inscrição ocorre em momentos oportunos e é divulgada no site e nas contas oficiais da revista nas redes sociais.

COMO REFERENCIAR

ÚLTIMO NOME, Primeiro nome da pessoa autora da obra. Título da obra. **Título da Revista**, local de publicação, volume do fascículo, número do fascículo, p. (página inicial e final da obra), mês, ano de publicação.

Exemplo:

LAVOISIER, Celso. Um breve ensaio sobre o sentido da Arte. **Revista Geração de 20**, Feira de Santana, v. 1, n. 1, p. 36-37, jul./dez. 2021.

Direitos Autorais

Autorização para reprodução e publicação

Desenho de Ian Freitas



Os textos literários e as artes visuais deste fascículo foram acolhidos após convite às pessoas artistas publicadas. Ficou acordado que a Revista Geração de 20 tem a autorização de reproduzi-las e publicá-las, entendendo-se os termos "reprodução" e "publicação" conforme definição respectivamente dos incisos VI e I do artigo 5.º da Lei 9610/98. Essa autorização de reprodução e publicação não tem limitação de tempo, ficando a revista responsável pela manutenção da identificação da pessoa autora da contribuição. São permitidas, a título gratuito, a consulta e a reprodução do exemplar para uso próprio de quem a consulta, desde que dê os devidos créditos (para o crédito de autoria, deve ser citado o nome completo da fonte, pessoa criadora ou obra artística). É expressamente vedada a cópia ou reprodução deste material para uso comercial, ou distribuição comercial.

Equipe Editorial

EDITOR-CHEFE

Dee Mercês — Instagram @legiaodemim

COMISSÃO EDITORIAL

Clareanna Santana — Instagram @clareamente

Fabiana Souza — Instagram @soul2faraway

Ronaldo Porto — Instagram @euronaldoporto

REVISÃO DE TEXTOS

Aline Haar — Instagram @arevisao

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Dee Mercês

PERIODICIDADE: Semestral

IDIOMA: Português, Brasil

AUTOR CORPORATIVO

Dee Mercês — Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, Brasil

Logradouro: Feira de Santana - Bahia - Brasil

CONTATOS

Redes sociais: Instagram

E-mail para contato: geracaode20@gmail.com

Site: www.geracaode20.org

CRÉDITOS

CAPA

João Pedro Cá Arfer Tuxá

AUTOR CONVIDADO

Celso Lavoisier

Sumário

- 8** EDITORIAL
- 9** **FABIANA SOUZA**
Poema, Ilustração & Contextualização
- 11** **MARIANA PAIM**
(A)Luísa
- 12** **VINI ALCEU**
Luto & Luta
- 13** **WAGNER TRIANI**
Tentativa & Erro
- 14** **EUGIN RODRÍGUES**
Islita del Caos
- 15** **IAN FREITAS**
Desenho & Contextualização
- 17** **PALOMA ALCANTARA**
Triálogo
- 18** **LU FERNANDES**
Beija-Flores
- 19** **CAPITU**
Basta
- 20** **MARIANA PAIM**
*
- 21** **CAROL GARLET**
Ilustração & Contextualização
- 22** **PRISCILA MOREIRA**
O Poder
- 23** **ALICE MORAES**
Tempo de Chuva
- 24** **DEIVID JUNIO**
Viver
- 25** **BEATRIZ FREDERICO**
Metarreflexo
- 26** **JOÃO TUXÁ**
Ilustração & Contextualização
- 27** **CRYS SOUSA**
A Arte Resiste
- 28** **MEL GOMES**
Sem Título
- 29** **CARLA BRITO**
SerTão Poesia
- 31** **REGIOMAR SANTOS**
Realeza do Céu
- 32** **MARCOS SABIÁ**
Os Blindados de Bolsonaro
- 34** **RODRIGO C. PEREIRA**
A Milésima Primeira Variação Sobre o Tempo
- 35** **DEE MERCÊS**
Carta ao Futuro
- 36** **CELSO LAVOISIER**
Autor Convidado

Editorial

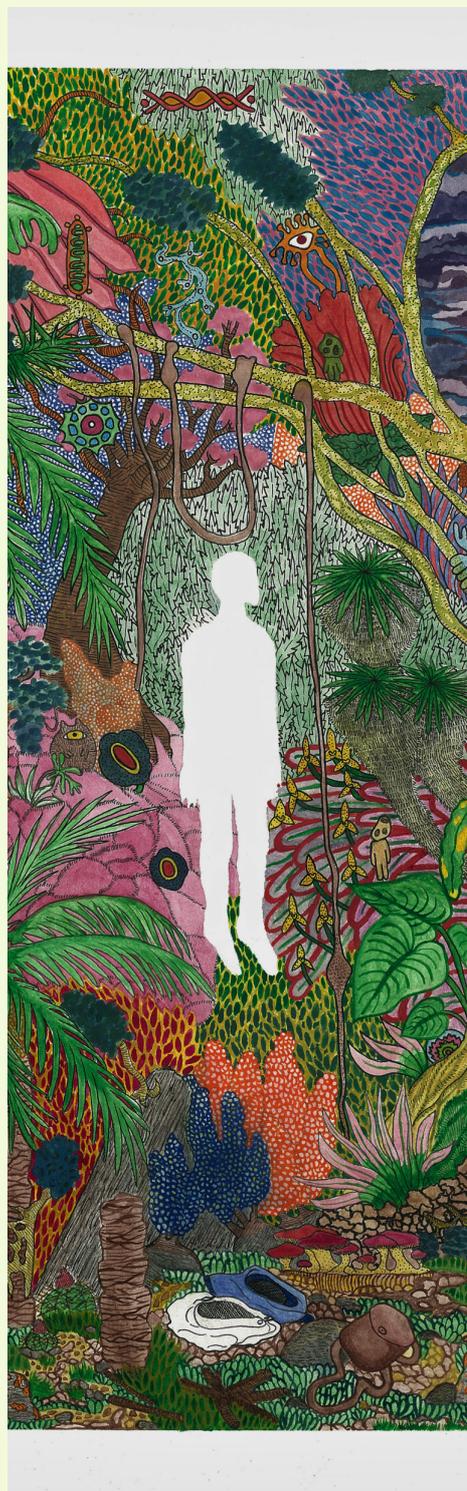
Bem-vinde, bem-vinda ou bem-vindo ao editorial inaugural da mais nova revista on-line de arte contemporânea do Brasil. Com imensa alegria, celebramos o nascimento da *Revista Geração de 20*!

Desde que lançamos a Geração de 20, realizamos algumas ações remotas com a participação de diversas pessoas artistas dos quatro cantos do país. O *Painel Poético On-line* é o marco inicial; foi desenvolvido com a colaboração de poetas independentes e seus poemas pandêmicos. Esse trabalho coletivo resultou na publicação da 1ª antologia poética, *Vozes das Margens*, distribuída gratuitamente em formato de livro digital. Em seguida, criamos o *Sarau Encontro das Artes*, que tem desempenhado uma função importantíssima na conexão entre artistas — e suas artes — e no debate de temas urgentes e imperiosos. Essas ações aconteceram no Instagram e YouTube.

Com a consolidação do movimento poético, percebemos a necessidade de ampliar a socialização da arte brasileira contemporânea. Compreendemos que, para que isso acontecesse, era necessário ultrapassar as fronteiras das redes sociais e chegar a um novo espaço que proporcionasse tal ampliação. Então, desenvolvemos o site e criamos este arquivo PDF.

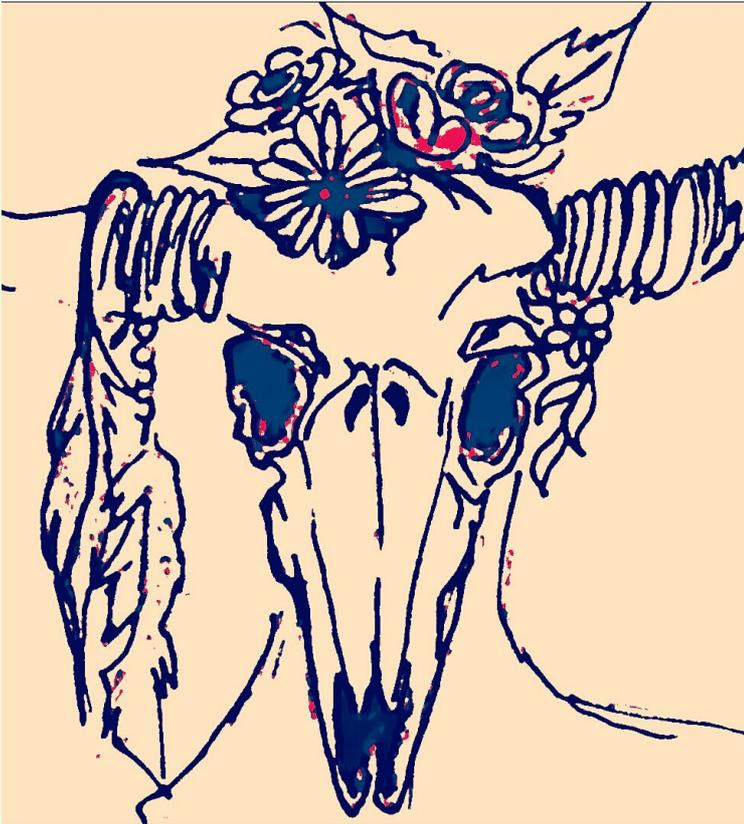
Convidamos vocês para conhecer mais da nossa organização cultural feita para você, artista e/ou leitor(a)(e).

Abraços literários,
Equipe Editorial



Desenho de Ian Freitas

Pensamento em Quarentena: a poesia de Fabiana Souza em poemas e ilustrações



"Cada ilustração foi pensada ou sentida a partir de um dos poemas que compõem o conjunto de um diário de 13 dias na quarentena. Algumas são bastante literais, como a do bordado no braço ou do rosto no espelho, outras mais abstratas e insólitas, como o mar, o homem-pássaro e as folhas-pulmões.", afirma a autora.

As 13 ilustrações encontram-se disponíveis em nosso site.

POEMAS DE QUARENTENA - X

Ela ainda não veio.
Não bateu na porta da frente
nem entrou, sorrateiramente,
pela porta dos fundos.

Ainda não pude olhar em seus olhos.

Até então, sua presença
é um mero contar de corpos,
a estatística diária de mortos
que pesa distante e alheia.

Ainda não pude olhar em seus olhos.

Mas eu sei que tudo é apenas
questão de tempo: talvez meses,
talvez anos, talvez horas breves.
No fundo, nada é tão diferente.

Ainda não pude olhar nos seus olhos.

Mas ela está lá, onde sempre esteve.
Onde permanece à espreita, calada
Numa dobra de espaço sem nada
Num lapso de tempo sem movimento.

Ainda não pude olhar nos seus olhos.

Mas o meu vizinho olhou.

(mais de meio milhão de mortos e o
vermelho nos batentes da nossa porta
ainda está lá).

FABIANA SOUZA é escritora, tradutora e ilustradora do sul de Minas Gerais. Às vezes desacredita do mundo, mas ainda acredita nas pessoas.



Ilustração de Fabiana Souza

(A) Luísa

I

Não sei se minha avó tinha olhos d'água. Quando a procuro e tento aproximá-la da minha memória, lembro dos seus pés. Acredito que pensá-la mesmo só é possível a partir dessa parte monumental da sua anatomia. Talvez por ter sido a visão deles, a última imagem que dela vi.

Pés inchados, cheios de sulcos e ressecados, de unhas calcificadas e porosas, pés que transitaram por lugares que não suspeito, pés que me lembram que pensar nela é lidar antes com o desconhecimento.

Eram os mesmos pés que a punham de pé antes do nascer do sol, em frente ao fogão, e que arrastavam o corpo que levava uma vassoura, roupas, baldes, quitutes, doces e denunciavam o cansaço, a má circulação e as complicações de saúde que viveram com ela, pelo tempo da minha memória.

Pés que, mesmo não denunciando como e por onde andaram, para mim sempre foram casa e que me lembram da impossibilidade de esquecer.

II

A Luísa,

Há tanto tempo não te vejo... vez em quando desengaveto tua carta e te sinto mais presente!

A casa hoje despertou mais vazia dos teus passos que de costume. Ainda é difícil, juro!, não ser acordado pelo cheiro desagradável de tuas frituras. Tu vê, a privação é algo que põe a gente pelo avesso! Avesso do quê? Palavra estranha essa, quando a gente pensa que a falta também pode ser abundância... e eu sinto,

Saudade

J.

P.S. Escreve-me, qualquer coisa, que vendo tua letra posso fingir que te leio.

III

José passou trinta anos escrevendo cartas para Luísa, apesar de nunca ter ido à sua casa. Ela, por sua vez, nunca as abriu, porque sabe que saudade, quando poderia haver presença, é invenção, e a sua, a si basta.

MARIANA PAIM (1986) nasceu em Tanquinho/Bahia. É poeta, professora, pesquisadora e militante feminista. Atualmente, cursa o doutorado em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e publicou o livro artesanal *serei_as: ou ensaio de um mergulho no âncora* (2019).

Luto e Luta

Esqueci a poesia em um canto
Deixei ela lá por enquanto
Orei, pedi proteção ao santo
Alguém dirá que não é para tanto
Entretanto, os olhares me seguem
De frente e de canto

E mal visto
Visto preto
Preto manto, na alma e no corpo
Pela honra
Na roupa, pelo luto.
Escutai os prantos.
Mas a nossa dor não gera espanto

E se perdi o encanto.
Lembro.
Sou preto
Na alma e no corpo
Pela honra
Na roupa, pelo luto.
E na vida, eu
Luto
É o meu luto para honrar
Os nossos que já lutaram

VINI ALCEU (Indaiatuba/São Paulo) é poeta marginal independente. Escreve seus devaneios poéticos desde os 14 anos, mas há 6 anos se afirmou como poeta. Membro do coletivo cultural, Sarau *ComplexCidade*, é autor do livro solo *Poesias Escritas por Alguém que Ama Sarau*.

Tentativa e Erro

queria escrever algum verso
que, por pouco que fosse
tivesse
o erótico de *rodin*
a vivacidade de *matisse*
a desfigura de *picasso*
cúbico
lúdico ao acaso
com um toque qualquer
da minha personalidade
um jeito de dispor as palavras, quem
sabe?
que revirasse a clave
e musicasse o simples
nervo poético em riste
desconstruindo a sintaxe
poesia insinua-se mentira para dizer a
verdade

WAGNER TRIANI é o criador do insta @palavraacesa e autor dos poemas publicados por lá. Participa de uma coleção de livros de autores que publicam sua obra no Instagram, lançada em 2019 pela extinta editora Meraki. Participou do *Prêmio Barueri de Literatura* e ficou em 2º lugar, tendo cinco dos seus poemas publicados no livro do respectivo certame.

Islita del Caos

En medio del desborde
intentamos encontrar
las palabras que den forma
a lo que no queremos definir
la contradicción hecha deseo,
un volcán que estalla en el mar,
la pausa en un abrazo.
islita a la que volvemos
antes de que la tormenta nos arrase,
un lugar devenido refugio
cuando no sabemos a dónde ir.
Nos pensamos como esos libros
que leemos una y otra vez
para escapar del caos
que provoca estar vivxs.
En este contexto de burbujas
y aislamientos buscamos organizar
lo que sentimos y terminamos
describiendo nuestro amor.

EUGIN RODRÍGUEZ é lesbiana trans não-binária andrógina, 34 anos. De Luján/Buenos Aires/Argentina, nômade do amor. Licenciada em Trabalho Social, especialista em Saúde Mental. Artista frustrada. Sempre tentando. Pronomes: neutros ou femininos.

A arte visual de Ian Freitas

IAN DE MELO FREITAS é de Salvador/Bahia e mora em Feira de Santana/Bahia. Graduando em Bac. em Biologia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Desenha desde guri, mas, desmotivado por familiares, foi convencido a parar — só retomou a prática recentemente e isso se tornou sua panaceia, chão e espírito em busca de cura.



"Minhas obras abordam todos os meios pelos quais eu, como humano, posso interagir com o universo dentro e fora de mim. Fui criado de forma silenciadora e me deparava com o bullying na escola, então falar sempre foi um problema, pois além da fala já ser permeada de filtros, na minha vida ela se tornou um obstáculo, pois minha habilidade social foi totalmente comprometida. Então meu desenho/pintura é como uma frase mesmo, uma oração, palavras juntas para fazer uma coisa só, que também são muitas, como um universo com camadas de linguagem visual e emocional, mas geralmente giram em torno de uma coisa só (ou não). Abordo a jornada de estar vivo, lutando, indago a essência da vida espiritual, a vida física também, e como isso pode ser corrompido, lapidado, destruído ou renovado."



Desenho de Ian Freitas

Triálogo

Eu sempre tento conversar com elas. Mês passado deu certo com as folhas dos coqueirais. Meus cabelos assanhados e em movimento pelo vento da orla dançaram com as folhas balançantes e arrepiadas. Depois eu entendi que elas se arrepiaram por mim. E depois elas entenderam que eu me arrepiei por elas. Foi recíproco. É bom um flerte assim de vez em quando.

Hoje consegui conversar com a Lua. Eu perguntei para ela por que essa noite só dava para ver sua metade. Ela respondeu prontamente que essa era a metade iluminada pelo Sol. A outra metade estava escondida, brechando a Terra. Disse que tinha vergonha de colocar a cara toda no Sol. Que assim ficava muito exposta, dava até para ver seus defeitos: as marcas-crateras e manchas de sua face. Arguta do jeito que estou, tive a intuição de que se tratava de puro charminho. Talvez fosse tímida, pensei. “Deixa disso, Lua, você é magnífica”. E então a convidei para sair no fim de semana, para a gente se conhecer melhor. Levei um não carinhoso. Percebi que aquela intuição nada mais era do que uma fantasia costurada de desejos por ela. Presunção achar que a Lua sairia comigo, né?

“Paloma, vou te contar meu segredo.

Eu amo a maré.

Nosso amor gravitacional já dura mais do que a sua eternidade.

A maré é alta. A maré é baixa. Mas sempre a maré é linda”.

E foi assim que me apaixonei pela Lua.

PALOMA ALCANTARA é pernambucana, residindo em João Pessoa/Paraíba. Engenheira Civil, professora universitária e doutoranda em Engenharia Civil e Ambiental. Reencontrou a arte em 2020, durante o isolamento social, quando participou virtualmente de oficinas e encontros literários.

Beija-Flores

Aos meus amigos poetas
das lindas canções ao vento.
No caderno tuas letras
deita livre o pensamento.

Deixas sinais e não veem,
deixa amor e não leem.
Teu valor é tua coragem
tua essência é sentimento.

Essa dinastia do agora
aprisiona no quadrado mirrado.
Onde a Maria vai com a outra
e todos pra nenhum lado.

A força na tua asa,
revigora e faz morada.
Nas tuas penas o coração
companheiro de passada.

É tão livre passarinho
canta alto à quem te ouve,
há olhares de quem ama
e observa tuas cores.

Poeta de tanto céu,
tanto mar e ar de flores,
Voa livre... Voa livre...
Alma livre,
beija-flores.

LU FERNANDES (Nova Odessa/São Paulo) vive em Ribeirão Preto/São Paulo desde os 7 anos. Formada em Administração de Empresas, descobriu entre a leitura e a escrita a sua verdadeira paixão. Participa, com um conto autoral, da antologia *Vozes da Margem, Vozes na Margem*. Segue no caminho das letras e tenta deixar impresso em uma palavra, em um poema ou verso, um pouco da sua alma.

Basta

Basta
de covardia
ninguém nos silencia
não seremos mais
vítimas
chega de estatísticas
no final do dia

não seremos
violentadas
assassinadas
não sangraremos
mais
marginalizadas

Basta
somos fortaleza
nunca mais
subjugadas
somos dignidade

E pra você,
covarde
nosso grito ecoa
resiste
à sua humilhante
incapacidade
de humanizar
sua barbárie

CAPITU é escritora/poeta, autora do livro *Capitu dos Lábios de Ressaca*, Editora Selin Trovoar. Membro do *Coletivo Flor do Lácio*, *Coletivo Mulheres Poetas* e coapresentadora do *Sarau Entre Eros e Afrodite tudo se permite*. Publica no perfil @vermelho_capitu.

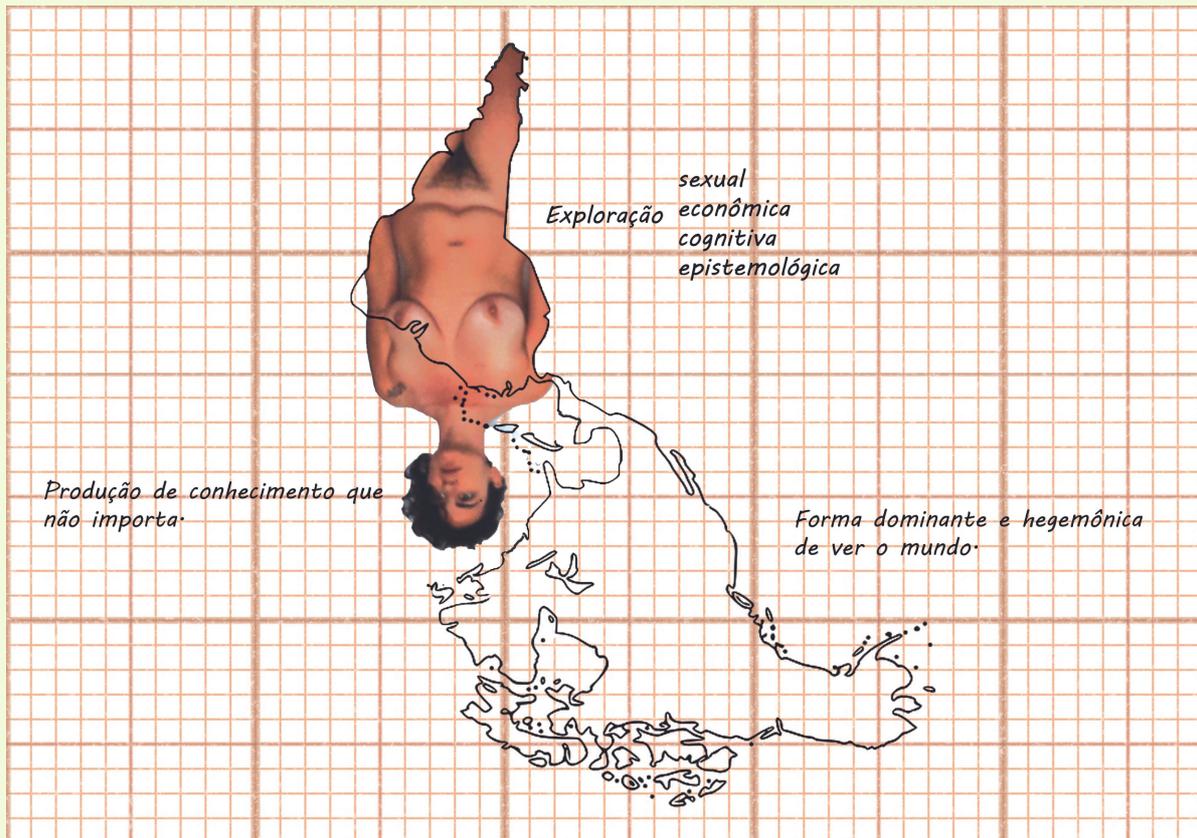
*

não vamos nos conformar
às expectativas
não aceitaremos fazer parte
das estatísticas
não iremos acreditar
no não como resposta
nem lhes daremos
o luxo
de permanecer
em silêncio

MARIANA PAIM (1986) nasceu em Tanquinho/Bahia. É poeta, professora, pesquisadora e militante feminista. Atualmente, cursa o doutorado em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e publicou o livro artesanal *serei_as: ou ensaio de um mergulho no âncora* (2019).

A arte visual de Carol Garlet

CAROL GARLET é arte educadora, artista, professora e sapatona. Graduada em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e mestra em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Interessada nas artes do corpo e nas práticas artísticas e educativas que possibilitem reinventar mundos.



"Para além dos quadriculados e a exatidão científica dos mapas, existe um universo de curvas que carregam conhecimentos e saberes que são, também, ciência, mas não interessam ao neoliberalismo. A América Latina é a periferia dos polos econômicos mundiais, submundo das elites pensantes, da construção de conhecimento científico, região de exploração econômica, ambiental, sexual e epistemológica.

A lógica cartesiana separa mente e corpo, entendendo que um é separado do outro e o corpo responde aos comandos da mente, ou seja, a partir desta perspectiva, corpo não pensa. E corpo, geralmente, é associado a quem? Mulheres, povos indígenas, africanos e afro descendentes. Aqueles que não atingiram a evolução da racionalidade que o homem branco já acessou há séculos.

O que é acessar? É ter a possibilidade de chegar, ter recursos de se aproximar de um lugar específico. Esses sujeitos outros, por terem muitas das portas de acesso fechadas, constroem, nas margens, pontes e pontos de resistência; já vinham produzindo e compartilhando seus saberes muito antes da colonização e escravidão, que violentamente se apropriam e abocanham do que interessa e as outras partes descartam e jogam fora."

O Poder

O poder está nas pegadas dos pés a calçar, caminhar, ladrilhar. O poder está. O poder está nos escritos nunca calados, velados, reverberados e sim lidos, expressivos em atos ao mesmo que em atitudes. O poder está na força da palavra viva e encarnada. O poder está. O poder está nos costumes, na sabedoria, tradições, princípios, mistérios da vida. O poder está. O poder está na luta do dia a dia, nos passos do dia a dia, no clarão da tarde, na importância do dia. O poder está no amor e nos prazeres da vida. O poder está. O poder está nas pequenas coisas da vida e nos detalhes, nas entrelinhas. O poder está no lúdico, brincar, ousar e abusar da criatividade e da imaginação. O poder está. O poder está na criação, no milagre da existência de geração em geração, nas circunstâncias e ações. O poder está. O poder está na naturalidade, na simplicidade, singularidade. Assim o poder está. O poder está nas estações do ano, de janeiro a janeiro. O poder está. O poder está no sim e no não, na afirmação e negação. O poder está. O poder está na relação, comunicação oral ou escrita, na contação de história. Assim o poder está. O poder está nas percepções, emoções, gestos simples e situações. Assim o poder está.

PRISCILA MOREIRA, Salvador/BA, é educadora com especialização em Psicopedagogia. Escreve desde a adolescência e publicou um fanzine de forma independente, em 2020.

Tempo de Chuva

Chove lá fora
Ouço trovejar
As crianças se apavoram
É hora de acalmar

O calor amenizou
Molhou a plantação
Para os agricultores
Muita satisfação

Mas quem vive nas encostas
Fica logo agoniado
Também existem muitos
Com goteiras no telhado

Uns cantam, outros choram
Uns tristes, outros comemoram
Assim é a vida
Com labirintos e saída

Aprendamos com as vivências
Com o sim e com o não
Pois o que é tempestade pra um
Pra outro é inspiração.

ALICE MORAES é professora, natural de Feira de Santana/Bahia. Gosta de escrever contos, poemas, cordéis, também canta e compõe. Já participou de várias antologias, tendo seu primeiro poema publicado na adolescência. Seu lema é “poetizar o mundo”, pois a poesia toca corações, transforma vidas.

Viver

Viver é colecionar vexames.
O pescoço não gira 180 graus
pois é terrível olhar para trás
– para a montanha de resíduos
e vergonhas
duráveis mais que uma vida.
A última moda, a fome,
os sistemas de pensamento,
contar os anos, casar,
mandar currículos.

Nascer é o primeiro passo.
Morrer nada é.

DEIVID JUNIO é natural de Belo Horizonte/Minas Gerais. Leciona Filosofia e também pesquisa nessa área. Tem um livro de poemas publicado, o *Bal-bu-cio*, pela editora Multifoco (2015).

Metarreflexo

um dia eu quis
beber as palavras.
notei que é possível
gracejar com a aparência delas.
no metarreflexo da antologia,
bebo um café gelado.
mas o verso
sempre está quente.
a boca é curta
pro calor da poesia.

BEATRIZ FREDERICO (1998) nasceu em Campina Grande/Paraíba e, atualmente, mora em João Pessoa/Paraíba, cursando Biotecnologia na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Escreve desde 2015, de forma independente. Não tem livros publicados, porém tem um livreto intitulado *Multiespécies*, em que fotografias e poesias autorais se integram em simbiose.

A arte visual de João Pedro Cá Arfer Tuxá

JOÃO PEDRO CÁ ARFER TUXÁ (2005) é indígena do povo Tuxá com suas raízes na aldeia de Rodelas/Bahia. Nascido em Feira de Santana/Bahia, faz parte do ativismo jovem e indígena, é um artista iniciante e traz nas suas obras, postadas no Instagram, resistência e sua cultura.



"A espada de São Jorge, Santa Bárbara ou Iansã é de origem africana e utilizada há milênios nas crenças afros e futuramente mesclada a crenças indígenas, com o intuito de afastar energias negativas. Acredita-se que a espada de São Jorge corta todo o mal, nesse caso, o 'mal' pode ser interpretado de diferentes formas, eu interpreto como os colonizadores, como os governadores que apoiam indiretamente (ou não) o genocídio indígena. Além disso, representa a nossa espiritualidade também como forma de resistência."

A Arte Resiste

Na voz do músico solitário,
Sinto a melodia da canção
Viajo e recordo momentos vividos,
De muita saudade e emoção.

Tempos em que num palco,
Nas praças ou no barzinho
Sorrisos e muitos aplauso
Acompanhavam o artista no seu caminho.

Essa é a força da arte, que agoniza na pandemia,
E que ao mesmo tempo acalma, em lives que a mídia transmite,
Parece até ironia. Se reinventa e persiste.

A arte continua despertando sentimentos,
Emoções nos fazendo sonhar
A arte vai sendo o alento que nos dá força para recomeçar!

CRYS SOUSA (1980) reside em Feira de Santana/Bahia desde os 5 anos. É mãe de Julia, cantora, graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), professora efetiva da rede Municipal de Feira de Santana e mestre em Educação pela UEFS. Escreve desde 2019, quando escreveu um livro infantil.

Sem Título

A caneta que desliza no papel,
A pouca-meia-idade que se carrega no bolso.
Sei bem, amor, que assanhar não é currículo.
A mesa treme, a palavra esconde.
Para que esconder as letras manchadas de óleo, se o mar já se faz aberto?
O jeito é isso:
Naquilo que se é, se jogar, longe de afogamentos.
Respirar exige resistência,
Resistência exige tremor:
Tremor só se faz na chuva, fria.
Falta pudor:
Às vezes, um alívio faz bem.

MEL GOMES é cearense, residente em Ubajara/Ceará, poeta e idealizadora do *Coletivo Crauá*. Possui publicações em revistas nordestinas, latino-americanas, antologias e coletâneas, além de possuir livros artesanais digitais e físicos.

Sertão Poesia

Entra, minha filha
come uma carne de sertão
toma um bolo de milho
quer café, chá?
Repara bagunça, não
Pera, deixa eu pegar um banco pr'ocê

Dona Maria
carrega no corpo marcas
sob as unhas
manchas pretas de arar a terra
dedos calejados
calcanhar rachado
reprodução do solo lá fora
rosto queimado do sol
prematuras rugas
coração com profundas dores
mas um imenso mar de amor
Carrega o SERTÃO POESIA
celebra o viver, o pão de cada dia
a aridez mora na paisagem externa
ali, em cada sertanejo
habita a resistência e hospitalidade
resiliência e abundância
de SER TÃO POESIA.

CARLA BRITO, nascida em Salvador com raízes em Irará/Bahia, é Bacharela Interdisciplinar em Humanidades pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e está psicóloga em formação pela UFBA. Em 2020 foi premiada pela *Lei Aldir Blanc* e, em março de 2021, lançou seu primeiro livro *Taunina: entre escrituras e poesias*.

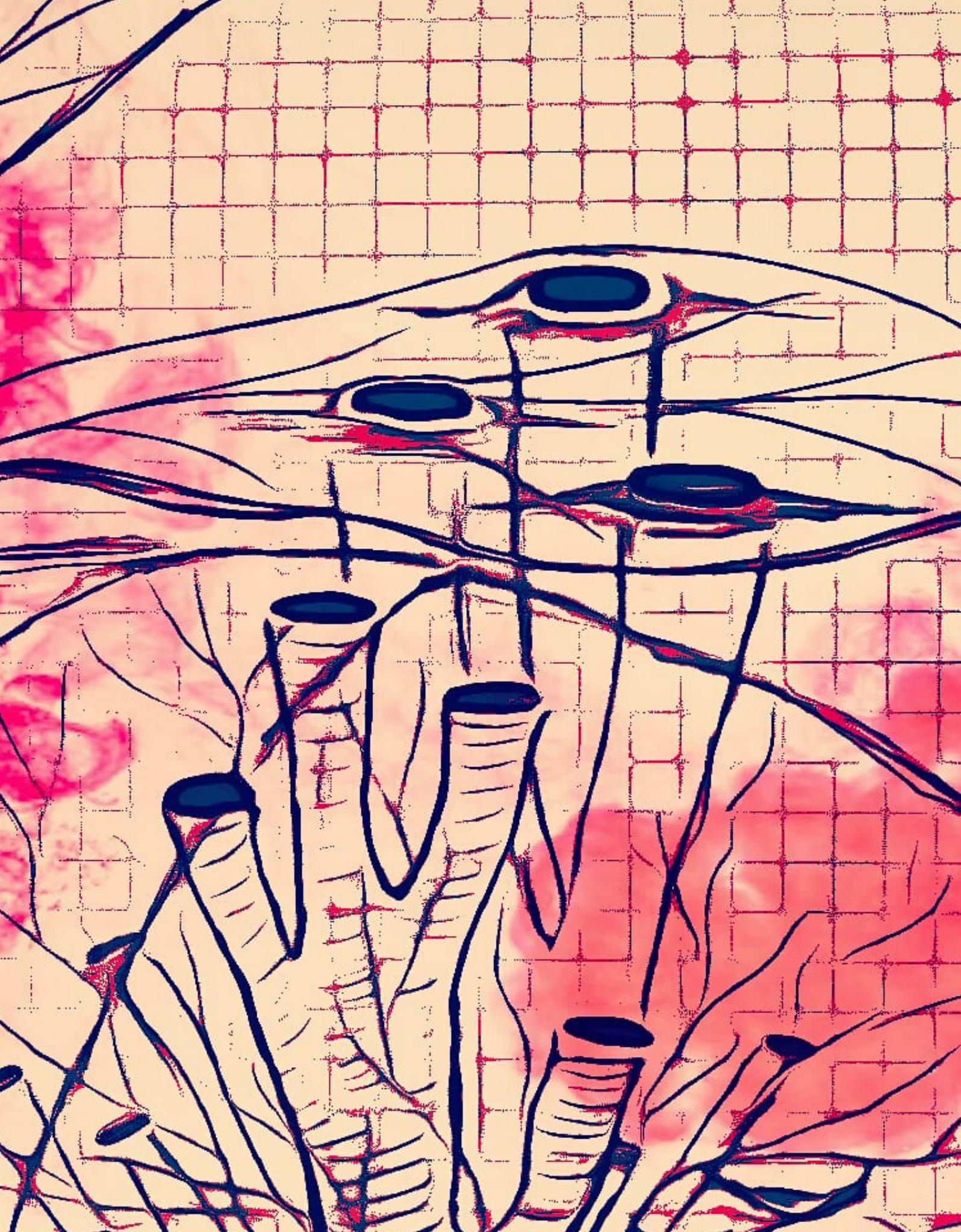


Ilustração de Fabiana Souza

Realeza do Céu

No silêncio de um mundo parado
Sem as vozes do homem soando
Escutando só o som dos pássaros
Das cigarras e sapos cantando,
Vou voando a caminho dos teus braços
Que meu Deus sempre está me
esperando.
Vejo a hora da minha chegada
Neste encontro de hora marcada
E o planeta está sempre girando.

No caminho de quem fala, acontece
O que o seu coração tá mandando.
Pisar leve, ter sempre cuidado,
porque sempre tem um te olhando.
Nos discursos bastante inflamados
Do que o ego está acreditando,
Acredite, a paz já vem vindo
e a vida ainda está começando.

Neste dia em que a humanidade
Compreender que só vence amando,
Todo o dia o sol vem raiando,
E entender quem é Deus de verdade.
No amanhã que ainda é agora,
Despertar junto com a sinceridade
para vencer a vergonha que tem
Despertar para a realidade.

Aprender a ser mais educado,
Ter respeito pra ser respeitado.
A Beleza da pura verdade
É um tesouro a ser encontrado.
Seu valor... Ele é imensurável!
É a chave da libertação,
Para soltar as amarras dos braços
E estender para irmanar na união.
Dar início ao que nós merecemos
Que é unir em um só coração.

O amor verdadeiro é tão bom
Que não tem nem como fugir dele.
Quando o mundo está desordenado,
É diante de um vírus malvado
Que os nossos irmãos vão se vendo.
Vão gostando de ficar mais perto
Entendendo que é bom ter afeto,
E assim, vamos também nos vendo.
Ser humano passar ser sereno
E a realeza do céu diz amém!

REGIOMAR SANTOS (1983) nasceu na cidade de Itamaraju/Bahia. Atualmente, mora na cidade de Eunápolis/Bahia. É professor, músico, poeta e escreve desde o início dos anos 1990. Tem poemas publicados no livro *Poetas locais na Boca do mundo*.

Os Blindados de Bolsonaro

VOU MOSTRAR PARA VOCÊS
UM DESFILE ESPECIAL
QUE ACOMPANHA O JAIR
PRESIDENTE NACIONAL
ESTÃO ROLANDO OS DADOS
E SÃO ESSES OS BLINDADOS
DO GOVERNO FEDERAL

OS BLINDADOS QUE IMPORTAM
NÃO SÃO AQUELES PINTADOS.
DEFILANDO POR BRASÍLIA
GUIADOS PELOS SOLDADOS
MAS, OS QUE O BOLSONARO
PROTEGE MAIS QUE O FARO
PARA NÃO SEREM INVESTIGADOS

O PRIMEIRO É O ABRAÃO
WEINTRAUB, TÁ LEMBRADO?
MINISTRO DA EDUCAÇÃO
EM CERTO TEMPO PASSADO
ELE FEZ TANTA BESTEIRA
QUE PROS STATES FEZ CARREIRA
PELO JAIR ARTICULADO

FABRÍCIO QUEIROZ É OUTRO
QUE ESTAVA PROTEGIDO
ATÉ NA CASA DE ANJO
ELE JÁ FOI ESCONDIDO
PARA NÃO FALAR NADINHA
DO ESQUEMA DA RACHADINHA
QUE FLÁVIO É ENVOLVIDO

CARLOS BOLSONARO
DA FAKE NEWS É O REI
NO GABINETE DO ÓDIO
VAI PUBLICANDO SEM FREI
MENTIRAS CABULOSAS
HORRENDAS E ODIOSAS
SÓ PRA CAUSAR APERREI

POR COMPRA DE IMÓVEIS
EDUARDO É INVESTIGADO
PAGOS EM DINHEIRO VIVO
ISSO ME DEIXA INTRIGADO
DE ONDE VEM TANTO REAL
ELE NÃO É MARGINAL
É APENAS DEPUTADO

SÃO BEM BLINDADOS
SEUS FILHOS PERALTOS
SOBRE O ACESSO DELES
AO PALÁCIO DO PLANALTO
TEM SIGILO DE CEM ANOS
PROVOCANDO DESENGANOS
E MUITOS SOBRESSALTOS

OUTRO QUE TEM ESPAÇO
NO ESCUDO DO CAPITÃO
É UM COLEGA DE FARDA
E TAMBÉM DE CORAÇÃO
OBEDIENTE QUE SÓ ELE
PAZUELLO, O NOME DELE
PENSE NUM CABRA BABÃO

PAZUELLO QUANDO ESTAVA
À FRENTE DO MINISTÉRIO
A COMPRA DE VACINAS
NÃO FOI LEVADA A SÉRIO
ERA UMA ESCULHAMBAÇÃO
CHEIRANDO A CORRUPÇÃO
COM PROPINA, SEM MISTÉRIO

É O CASO DA COVAXIN
UMA VACINA INDIANA
QUE IA SAIR BEM CARA
E DE FORMA LEVIANA
A NEGOCIAÇÃO ERA FEITA
COM EMPRESA SUSPEITA
ISSO, NÃO É BACANA

ESSA TAMBÉM TÁ BLINDADA
OUTRO SIGILO FOI IMPOSTO
CEM ANOS SEM SABER NADA
PARA O NOSSO DESGOSTO
UM ATAQUE À TRANSPARÊNCIA
SÓ FORTALECE A EVIDÊNCIA
QUE HÁ CRIME JUSTAPOSTO

OS BLINDADOS DE BOLSONARO
SÃO O SEU RABO PRESO
OU EXÍLIO, OU PROTEÇÃO
POR ENQUANTO ESTÃO ILESO
MAS HÁ DE UM DIA CHEGAR
QUE TODOS IRÃO PAGAR
A JUSTIÇA TERÁ PESO!

MARCOS SABIÁ (1984) nascido na cidade de Jucurutu/Rio Grande do Norte, mora em João Pessoa/Paraíba. Formado em Enfermagem, é Técnico Administrativo de Educação (TAE) na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Escreve desde a adolescência e publicou o livro *Amores curtos*. Atualmente, está desbravando o estilo cordel para reagir poeticamente à conjuntura que estamos vivendo.

A Milésima Primeira Variação Sobre o Tempo

Tempo, qual vocábulo
igual a teu arco e a curva
que para ti apontas
e que em ti apruma

toda a espuma do que some?

E que nome
dar ao abismo entre uma nota e outra
a transparente clave despendida
nesta pauta, nesta sinfonia
em que os ecos se afogam abraçados?
É silêncio o teu nome malgrado
nos meus lábios, no poema escrito pelos mortos
que eu fui — e os que a mim se irmanam
esta folha ressequida em sua época? Esta voz cujos tons me desvanecem
o retrato cujas linhas mais queridas
se encolhem num diálogo de morte
este passo na calçada que se esfuma;
esta nuvem, esta ferida que não sara
pois suspensa está entre o pânico e o soluço;
são essas as pequenas fúrias letras
que eu devo desfiar até que a suma
do que sou encontre o sopro
que desfaz enfim toda pergunta?

RODRIGO C. PEREIRA (1978) nasceu em São Luís/Maranhão. Escritor, poeta e professor. Publicou *As Portas Fugazes* (contos), em 2019, e *O mendigo Iohanan* (narrativa), em 2020. Venceu o 1º Festival de Poesia do Papoético (Prêmio Maranhão Sobrinho), em 2012.

Carta ao Futuro

Feira de Santana, 08 de fevereiro de 2021

Estimada pessoa leitora,

Tudo bem com você aí no futuro? Aqui quem fala é Dee Mercês, mas pode me chamar apenas por Dee. Esta é a primeira de uma sequência de cartas que pretendo escrever para lhe manter informada sobre os últimos acontecimentos por aqui, presente-futuro-passado. Peço que prepare o seu coraçõzinho, pois a coisa não anda nada boa!

Provavelmente você já sabe, mas ainda estamos atravessando a pandemia da COVID-19, doença que já matou milhões de pessoas em vários países. Aqui no Brasil não está sendo diferente. Estamos enterrando milhares de pessoas diariamente. Neste exato momento, perguntei à Assistente Virtual, do Google, quantas pessoas morreram dessa doença aqui no país e ela me respondeu com um número estarrecedor. Ao todo, já perdemos 230 034 mil vidas para COVID-19. E o número de pessoas infectadas é muito, muito maior mesmo: quase 10 milhões (9.447.165 para ser mais específico).

Agora, preciso lhe dizer que grande parte da culpa de tudo isso é do atual Presidente da República, que desde o início da pandemia vê essa doença como uma simples "gripezinha", recomendou à popu-

lação, um remédio sem nenhuma eficácia comprovada e desmoralizou as vacinas com eficácia comprovada. Seria cômico se não fosse trágico, eu sei. Mas não para por aí, não, viu?

Além de tudo isso, ainda estamos tendo que lidar com o negacionismo de uma parcela da população que não cumpre as recomendações das autoridades de saúde, como manter o distanciamento social, não se aglomerar e usar máscara. Mas estamos lutando para que a maioria das pessoas reconheça a importância das vacinas aprovadas que a sua distribuição seja para todas as pessoas.

Bem, como lhe disse lá no começo: o objetivo desta carta - e das próximas, talvez - é lhe manter informada, aí no futuro, sobre os últimos acontecimentos por aqui. Espero que, uma vez ou outra, eu tenha algo de bom para lhe contar. Mas não se anime muito, não. Vamos esperar para ver o que tempo vai nos dizer.

Assim que algo novo aparecer, mando notícias.

Bjs, Dee!

DEE MERCÊS (1993) é graduando em Letras pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), poeta e editor-chefe da *Revista Geração de 20*.

Um breve ensaio sobre o sentido da Arte

"A arte é o primeiro alvo da
tirania." **Celso Lavoisier**

Arte: a primeira ciência criada pela espécie humana. Sua importância ao entretenimento, bem como seu significado à economia moderna, é uma constatação unânime entre seus praticantes e apreciadores. Pouco se discute, no entanto, sobre sua finalidade. Literatura, teatro, dança, pintura, escultura, cinema. Qual o sentido dessas artes?

(Continua na próxima página)



Ao colocar a história na tábua, percebe-se uma conexão intrínseca entre o fazer artístico e as condições de existência humana. Durante o período clássico da Grécia Antiga, por exemplo, a arquitetura esculpiu a Ágora, espaço necessário à realização de debates políticos, relações comerciais e desenvolvimento cultural; o teatro criou a tragédia grega, gênero que retratava questões mitológicas, religiosas; e a literatura impulsionou o surgimento da filosofia.

Essa conexão é mais evidente em tempos de ameaça. As condições impostas pela Ditadura Militar cutucaram grandes artistas da época. Caetano Veloso, Chico Buarque, Elis Regina, Geraldo Vandré, entre outros músicos notáveis, utilizaram suas inspirações para denunciar as atrocidades da época e eternizar o que se conhece hoje como música de protesto. Elis afirmou, metaforicamente, em 1978: “como a maioria das pessoas, estou esperando o guarda acionar a mudança de cor do sinal. Enquanto isso, eu canto um sinal de alerta”.

A arte é o primeiro alvo da tirania. Hitler, Stalin, Pinochet, Médici, Chávez. Apesar da singularidade ideológica, há um aspecto comum entre eles: a disposição para subjugar as manifestações artísticas, culturais. Motivo?

Elas verbalizam o mundo, estimulam a criticidade e politizam as pessoas. Por isso, os principais cargos e instituições de preservação da cultura e propagação das artes, como Secretaria Especial da Cultura, Fundação Cultural Palmares e Fundação Nacional de Artes, foram cooptadas por correligionários extremistas do Presidente Bolsonaro.

Disse Drummond em 1980: “a pessoa que publica um livro, compõe uma canção, faz uma escultura ou pinta um quadro expõe a carne às feras. Aquilo já é um produto que saiu dela, certamente não pertence mais a ela, pertence à comunidade”. Portanto, se há algum sentido na arte, é exatamente essa responsabilidade social inerente a todos os artistas os quais compartilham experiências, ideias e sentimentos capazes de emancipar a sociedade.

CELSO LAVOISIER é escritor e diretor do Instituto Mais Polítikos. Graduando de Licenciatura em Filosofia na Universidade Federal do Pará (UFPA). Certificado em Liderança, Capacidade de Aprender e Resiliência pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Online (PUC-RS Online). Membro da Orquestra de Violoncelistas da Amazônia (OVA), grupo musical vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA (PPGArtes-UFPA). Fazedor do International Youth Day Brasil em 2020.

GERAÇÃO DE



Revista Geração de 20

Publicação independente do Movimento Poético Geração de 20

Feira de Santana - Bahia - Brasil - 2021

E-mail: geracaode20@gmail.com

www.geracaode20.org